



EPISTEMOLOGIA E ALTERIDADE EM DISPUTA: A CIÊNCIA DA RELIGIÃO FRENTE À INVESTIGAÇÃO DO ÊXTASE RELIGIOSO

Epistemology and Otherness in Dispute: The Science of Religion in Relation to the Investigation of Religious Ecstasy

Harlen Cardoso Divino*
Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC)
DOI: 10.29327/256659.16.2-22

SENA, Emerson. **Ciência e Religião: Hermenêuticas e Disputas**. São Paulo: Almedina, 2024.

A obra *Ciência e Religião: Hermenêuticas e Disputas*, de Emerson Sena, publicada em 2024, constitui uma das mais relevantes produções recentes no cenário brasileiro dos estudos da religião. Seu caráter denso e multirreferencial permite ao leitor imergir em debates epistemológicos profundos sobre os fundamentos da Ciência da Religião, sobretudo em tempos em que se exige mais do que abordagens descritivas ou dogmáticas. A presente resenha tem como objetivo destacar, com ênfase crítica, como a obra permite (ou não) compreender e abordar um fenômeno específico e complexo: o êxtase religioso como manifestação que interliga o sagrado, o profano e os estados alterados de consciência.

O autor percorre um itinerário teórico marcado pela tensão entre hermenêutica crítica e disputas paradigmáticas da Ciência da Religião. Ao abordar a religião como fenômeno

*Mestre em Educação pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) e Doutorando em Engenharia, Gestão e Mídias do conhecimento pela UFSC. Licenciado em Ciências da Religião pela Universidade Estadual de Montes Claros. E-mail: harlenpetcre@gmail.com.

complexo, histórico e plural, Sena convoca o leitor à superação de binarismos interpretativos. Essa perspectiva é particularmente útil para compreendermos o êxtase religioso, não como irrupção irracional ou mera experiência emocional intensa, mas como *locus* privilegiado de acesso ao simbólico, ao mítico e à estrutura de alteridade que permeia os sistemas religiosos. Tal visão encontra ressonância em Clifford Geertz (1978), ao conceber a religião como sistema cultural dotado de símbolos potentes, que modelam estados de espírito e motivação dos seres humanos.

Sena critica os reducionismos cientificistas que anulam a dimensão experiencial do sagrado. A hermenêutica por ele defendida se ancora em uma epistemologia aberta, não confessional, porém sensível à agência dos sujeitos religiosos. Tal postura encontra ecos nos estudos do êxtase enquanto fenômeno que ultrapassa categorias racionais, adentrando territórios liminares e fronteiros do humano. Em consonância, Rudolf Otto (1936) já propunha o conceito de numinoso como expressão do *mysterium tremendum et fascinans*, que foge à racionalidade ordinária e exige uma abordagem fenomenológica e respeitosa. Sena retoma, em novos termos, essa tradição crítica que não reduz o sagrado à função social ou psíquica.

Ao integrar debates de Paul Ricoeur, Gadamer e autores contemporâneos da filosofia da linguagem, Sena possibilita ao leitor explorar os “estados alterados de consciência” como expressões legítimas da religiosidade humana. Aqui, o autor se aproxima também de Jean-Luc Marion (1997), que propõe a ideia de fenômenos saturados, aqueles que excedem o regime da visibilidade e da explicação, tal como o êxtase religioso, que se revela como excesso de sentido e interpela o sujeito para além de sua intencionalidade.

É digno de nota como o autor articula categorias como mediação simbólica, performatividade do sagrado e narratividade religiosa. O êxtase, nesse contexto, emerge não apenas como experiência subjetiva, mas como linguagem transgressora que rompe com as estruturas ordinárias da consciência. Essa transgressão, longe de ser caótica, é culturalmente moldada, o que exige da Ciência da Religião instrumentos metodológicos afinados com a complexidade fenomenológica dos trânsitos entre o profano e o sagrado. Nesse ponto, é possível estabelecer interlocução com Catherine Bell (1992), ao propor que o ritual é uma prática que molda a experiência e não mera repetição simbólica, o que se aplica diretamente aos rituais extáticos.

O capítulo sobre as disputas metodológicas e o embate entre a teologia confessional e a abordagem científica do fenômeno religioso se revela o mais potente para tensionar o papel

da ciência na análise do êxtase. Sena não esconde a crítica às abordagens que tornam absoluto o racionalismo científico e ignoram as epistemologias do afeto, da imanência e da experiência radical. Assim, o êxtase religioso é reposicionado como categoria liminar, que desafia os cânones da objetividade, exigindo do pesquisador uma atitude de escuta epistemológica e rigor fenomenológico.

Sena recupera elementos fundacionais da hermenêutica filosófica desde Schleiermacher e Dilthey, passando por Gadamer e Ricoeur, evidenciando como esses pensadores forneceram substrato para uma leitura da religião como fenômeno linguístico, experiencial e histórico. Essa leitura, segundo ele, é condição de possibilidade para se alcançar os eventos-limite do religioso, como o êxtase. O estado alterado de consciência, tratado por Sena como uma ruptura da linearidade racional, é posicionado não como anomalia ou exceção, mas como dado empírico relevante que desafia o próprio aparato epistêmico ocidental moderno.

O texto é enriquecido com críticas à apropriação reducionista das Ciências Sociais da Religião, quando essas deixam de lado o potencial disruptivo das experiências religiosas em nome de generalizações estruturais. Aqui se pode remeter a Victor Turner (1969), para quem o *communitas* vivido nos ritos de passagem (incluindo o transe e o êxtase) revela estruturas simbólicas de resistência e transformação, não captadas por análises meramente formais.

A proposta metodológica de Sena, portanto, é de uma hermenêutica de fronteira, que transita entre categorias disciplinares e ontológicas, incluindo o êxtase religioso como campo legítimo de problematização científica. A investigação do êxtase, nesse quadro, deve ser sensível às marcas da linguagem simbólica, dos corpos em transe, da performatividade ritual e dos jogos de alteridade. Nesse ponto, Bruno Latour (1994) é relevante ao propor que os objetos da ciência são também híbridos, atravessados por práticas, contextos e agenciamentos, o êxtase é um desses híbridos, que resiste à purificação conceitual.

Nas seções posteriores do capítulo (1.2 a 1.4), Sena expande o conceito de “antropologia hermenêutica”, apresentando-a como crítica radical aos dogmatismos – tanto teológicos quanto científicos. Essa antropologia assume o ser humano como um ser hermenêutico em sua base, o que desloca a análise do religioso para além das crenças e sistemas simbólicos, incluindo dimensões como corporeidade, sensibilidade e descontrole. O êxtase religioso, então, aparece como paradigma heurístico dessa antropologia, pois manifesta simultaneamente os limites e as possibilidades da razão.

A crítica aos dogmatismos aparece com vigor: Sena acusa tanto a teologia confessional quanto o positivismo sociológico de estreitarem a experiência religiosa à lógica da representação. Contra isso, propõe um método que articule crítica e escuta, análise e respeito pela alteridade radical. O capítulo encerra com uma proposta de abertura epistemológica: a Ciência da Religião, para ser ciência, deve aceitar seus próprios limites diante do enigma do sagrado, o êxtase é o emblema desses limites e possibilidades.

Este capítulo é, sem dúvida, uma das seções mais densas da obra, e oferece ao pesquisador do fenômeno religioso um instrumental crítico e sofisticado para tratar do êxtase não como sintoma, mas como signo. Sena convoca os estudiosos a pensarem a experiência extática como um lugar onde ciência, linguagem e mistério se entrelaçam hermeneuticamente. Neste aspecto, há pontos de convergência com Martin Buber (1970), para quem o sagrado se revela na relação dialógica entre o eu e o tu, e o êxtase é uma dessas relações limiares, nas quais o sujeito se dissolve na alteridade radical.

Sena recusa a marginalização do êxtase como exotismo ou patologia. Em vez disso, propõe acolhê-lo como expressão legítima da religiosidade, especialmente nas tradições afro-brasileiras, indígenas e orientais. Ao criticar o epistemicídio promovido por modelos eurocêntricos e racionalistas, o autor defende uma epistemologia da vulnerabilidade, na qual o pesquisador se permite ser afetado pelo objeto que estuda, sem abdicar do rigor, mas abrindo-se à escuta do inefável.

A obra articula, assim, uma crítica contundente aos poderes que marginalizam formas não hegemônicas de religiosidade e às epistemologias que invisibilizam o êxtase como evento fundador. O autor propõe uma ciência rigorosa e não dogmática, crítica sem cinismo, comprometida com a justiça epistemológica e com o acolhimento ético das experiências religiosas.

O fechamento da obra enfatiza o compromisso ético-político do pesquisador. A escuta das manifestações extáticas, principalmente das periferias culturais e religiosas, exige sensibilidade e abertura ao inesperado, sem cair no relativismo. O autor convoca a Ciência da Religião a ser mais que uma técnica descritiva: ela deve se constituir como espaço de encontro, de tradução intercultural e de valorização da diversidade radical da experiência humana. O êxtase, nesse sentido, surge como uma fissura no discurso e um lampejo de transcendência que exige do pesquisador responsabilidade interpretativa sem imposição.

O devaneio, quando compreendido como abertura ao inefável e ao inusitado, se torna epistemologicamente fecundo. Em oposição, a realidade objetiva é problematizada como construção interpretativa, revelando que a sacralidade e a profanidade são regimes de significação em constante disputa e negociação. O êxtase, nessa perspectiva, não apenas revela o sagrado, mas também questiona os limites do profano e desestabiliza as fronteiras ontológicas que sustentam as classificações rígidas do conhecimento religioso.

A obra de Sena é, portanto, não apenas uma reflexão metodológica, mas um chamado à escuta ética do Outro, especialmente do Outro em êxtase. Em tempos de fundamentalismos, a defesa de uma Ciência da Religião aberta ao mistério, ao enigma e à performatividade dos símbolos é não apenas teórica, mas ética e política.

Em suma, o livro de Emerson Sena se impõe como referência obrigatória para os que desejam pensar o êxtase religioso a partir de um paradigma contemporâneo, plural e hermenêutico. Sua leitura é densa, mas necessária, pois desestabiliza certezas e convoca à escuta. Ao final da leitura, compreendemos que estudar o êxtase não é apenas estudar o outro em sua radicalidade, mas também permitir-se ser interpelado por aquilo que o outro vivencia como sagrado, ainda que para além da razão ordinária.

REFERÊNCIAS

- BELL, Catherine. **Ritual Theory, Ritual Practice**. New York: Oxford University Press, 1992.
- BUBER, Martin. **Eu e Tu**. São Paulo: Centauro, 1970.
- GEERTZ, Clifford. **A Interpretação das Culturas**. Rio de Janeiro: LTC, 1978.
- LATOUR, Bruno. **Jamais fomos modernos**. São Paulo: Editora 34, 1994.
- MARION, Jean-Luc. **O fenômeno erótico: seis meditações**. São Paulo: Loyola, 1997.
- OTTO, Rudolf. **O Sagrado: aspectos irracionais na ideia do divino e sua relação com o racional**. São Leopoldo: Sinodal, 1936.
- SENA, Emerson. **Ciência e Religião: Hermenêuticas e Disputas**. São Paulo: Almedina, 2024. Disponível em: <https://www2.ufjf.br/editora/wp-content/uploads/sites/113/2024/04/cienciadareligiao-cienciaereligiao.pdf>. Acesso 01 jul. 2025
- TURNER, Victor. **O Processo Ritual: estrutura e antiestrutura**. Petrópolis: Vozes, 1969.

Recebida em 14/07/2025

Aprovada para publicação em 25/07/2025